

# Diálogos e trabalho em redes em busca de inclusão socioprodutiva, cidadania e reconhecimento: a experiência de catadores de recicláveis na Região Metropolitana de Belo Horizonte

Carlúcia Maria Silva

## INTRODUÇÃO

Na formação das sociedades modernas o trabalho ocupa destaque não apenas no que diz respeito à produção de bens e serviços, mas também enquanto elemento constitutivo de subjetividades, identidades, construção de vínculos sociais e

Página 1054

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 2 | N. 5 | DEZEMBRO | 2015 | ISSN: 2358-6311



qualidade de vida. No entanto, vários estudos<sup>1</sup> têm apontado que as novas formas de inserção ocupacional ganha um caráter estrutural nas últimas décadas, de modo que as consequências das condições do mercado e seu impacto negativo na vida dos trabalhadores se intensificam, sobretudo em determinados setores e categorias profissionais. Situações de vulnerabilidade construtora da “nova” informalidade que se consolida no presente, a partir de práticas antigas, porém ressignificadas. Uma inserção laboral marcada pela instabilidade, insegurança, precarização e falta de proteção social. Relação de precariedade e imprevisibilidade, diferenciada tanto no que diz respeito aos salários, quanto aos benefícios e marcadas por condições, ritmo e jornada de trabalho que impactam os trabalhadores na sua capacidade organizativa.

As consequências das condições de trabalho e seu impacto negativo na vida dos trabalhadores, são perceptíveis em determinados setores e categorias profissionais, sobretudo no que diz respeito à sua capacidade de resposta e/ou mobilização. As novas formas de inserção ocupacional expressam relações de poder, valores, culturas e reafirmam situações precárias anteriores, agora legitimadas e difundidas. Novas configurações no mundo do trabalho que elevam os índices do desemprego e redução da renda dos pobres urbanos. Pobreza que,

---

<sup>1</sup> Cotanda (2011); Cardoso (2010); Castel (2008); Cacciamali (2000); Leite (2009); Leite (2012); Silva (2009); Silva (2014).

segundo Marques (2011), Silva (2009) e Silva (2014), muitas vezes vem acompanhada não apenas com a inserção precária no mercado de trabalho, mas também no acesso ao espaço urbano, restando a esses grupos vulneráveis, a ocupação em áreas relativamente homogêneas e distantes. Neste cenário, aprofundam-se as desigualdades sociais e processos de exclusão. Isolamento social, privação econômica e segregação socioespacial são também consequências frequentes.

Essas transformações atingem não somente os trabalhadores formais, mas também trabalhadores que na informalidade vivenciam no cotidiano, processos de exclusão histórica, como é o caso dos catadores/as de recicláveis. Esses trabalhadores, contudo, têm buscado no trabalho associado e cooperativo coesão social, pertencimento e cidadania. A inserção na cadeia produtiva da reciclagem e a organização em redes tornam-se estratégias de trabalho, renda e fortalecimento da consciência do direito a ter direitos. No trabalho associado e coletivo fortalecem vínculos e buscam soluções compartilhadas; do trabalho no lixo fortalecem a consciência de dignidade, de direitos e de cidadania.

A história dos catadores de materiais recicláveis envolve transformações relacionadas ao reconhecimento da função social do trabalho que prestam à coletividade e novas formas de organização coletiva. Embora a atividade da

catação de recicláveis seja bem antiga, as primeiras associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis surgiram no Brasil no final da década de 1980 e se multiplicaram posteriormente. No início do novo milênio, mais especificamente em 2001, a fundação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) torna-se um marco histórico na luta desses homens e mulheres por trabalho, dignidade e cidadania. O Movimento Nacional de catadores e catadoras de recicláveis ganha força e uma série de reivindicações são pleiteadas, dentre elas, o reconhecimento da profissão catador de materiais recicláveis e pagamento pelos serviços prestados na coleta seletiva.

Com a fundação do MNCR, várias associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis - fundadas nos anos 1990, iniciam processos de organização do trabalho cooperado em redes, visando maiores oportunidades de negócios e melhores condições de participação no mercado de recicláveis. No caso da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), um conjunto de quarenta e quatro organizações catadores recicláveis – a Cooperativa de Reciclagem dos Catadores da Rede Economia Solidária – Rede CATAUNIDOS e a Central Cooperativa Rede Solidária de Trabalhadores de Materiais Recicláveis de MG - Redesol, ampliam e fortalecem suas lutas por trabalho e renda, participação, direitos e cidadania.

O presente trabalho analisa o trabalho desses trabalhadores e trabalhadores historicamente excluídos do mercado de trabalho. Organizações de catadores e catadoras de materiais recicláveis na Região Metropolitana de Belo Horizonte e as ações, organizações e articulações construídas com apoio de organizações da sociedade civil e gestores públicos, tendo em vista a inclusão produtiva, fortalecimento da cidadania e reconhecimento sociopolítico<sup>2</sup>.

As reflexões aqui apresentadas resultam de acompanhamento a grupos de catadores organizados em associações e cooperativas na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), da participação em audiências públicas, reuniões e eventos formativos e políticos apoiados pelas parcerias construídas. A análise foi realizada a partir da participação e observação em eventos formativos, presença em audiências públicas, participação em seminários e debates promovidos por entidade de apoio e gestores públicos. A intervenção do Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis (MNCR) nesses eventos e do Observatório da Reciclagem Inclusiva e Solidária (ORIS) foram também observadas. As questões norteadoras da pesquisa foram as seguintes: as ações e intervenções desses trabalhadores e trabalhadoras têm proporcionado conquista de direitos, fortalecimento da cidadania e reconhecimento social e político? Que

---

<sup>2</sup> Parte deste trabalho foi apresentada no GT 06 - Diálogos sobre o trabalho humano, durante o III Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, realizado em Vitória (ES) entre os dias 28 e 30 de outubro de 2015.

desafios e oportunidades são colocados para essas organizações de trabalhadores em rede e que diálogos com organizações da sociedade civil e gestores públicos tem sido possíveis?

Os resultados apontam<sup>3</sup> ganhos econômicos e não-econômicos, tais como a (re)construção de vínculos sociais rompidos, a melhoria da autoestima e a consciência de trabalhadores sujeitos de direitos. Apontam também a necessidade do fortalecimento da luta política por cidadania e reconhecimento, bem como a consolidação da coleta seletiva e da reciclagem solidária, face às tecnologias que tendem a eliminar os catadores de materiais recicláveis da cadeia produtiva da reciclagem, como a incineração. Nesse sentido, além de uma breve introdução e as considerações finais, o artigo está estruturado em duas partes. A primeira discorre sobre o perfil dos catadores de materiais recicláveis e sua histórica condição de vulnerabilidade social. A segunda, discute processos organizacionais por eles construídos, nos quais, por meio do trabalho associado e cooperado em redes e apoiados por entidades de apoio e fomento e gestores públicos, buscam inclusão socioprodutiva, cidadania e reconhecimento.

## VIVER NA/DA RUA E SOBREVIVER DO LIXO

---

<sup>3</sup> Parte deste trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão da Faculdade de Políticas Públicas Tancredo Neves/Universidade do Estado de Minas Gerais (FaPP/CBH/UEMG).

Um dos fatos mais notáveis dos tempos modernos é o crescimento das cidades. As rápidas transformações ocorridas no crescimento das cidades e as mudanças de uma sociedade rural para uma sociedade predominantemente urbana alterou profundamente não somente o modo de vida como também todas as fases da vida social. Segundo Silva (2009), “a cidade desde os clássicos da sociologia, tem sido pensada como o lugar da modernidade e da democracia” (SILVA, 2009, p. 49). A cidade moderna é caracterizada pela concentração humana em agregados gigantescos de onde irradiam as ideias e os modos de vida da chamada civilização.

Este “mosaico de mundos sociais” (WIRTH, 1987, p. 97-113) e sua densidade socioespacial são determinadas por uma série de variáveis que agregam ou separam os indivíduos, a partir de suas necessidades, compatibilidades e modos de vida. Argumenta Silva (2009), que neste “mosaico” a cidade apresenta contrastes, cuja densidade e heterogeneidade afetam o modo de vida urbano, reforça e dissemina a cultura do medo e os pobres são diabolizados e estigmatizados como origem e lugar da violência urbana. Contradições e negação de direitos, que como paredes (in)visíveis estabelecem barreiras e fronteiras e não permitem o acesso às vantagens oferecidas pela modernidade urbana.

A estrutura urbana não afeta apenas a estrutura social de uma sociedade. Expressa também desigualdades de oportunidades no acesso a recursos materiais, localização residencial, serviços urbanos e bem-estar social. Pobreza e exclusão se fazem presentes, cuja exclusão é manifestada não apenas em relação à aquisição de bens, mas também no acesso a lazer, conforto, cultura e consumo responsável. A cidade simultaneamente exclui e inclui. Nesse sentido, as transformações econômicas e seus impactos marcam uma nova ordem socioespacial; uma estrutura social e política dualizada e uma organização espacial fragmentada e segregada.

Os pobres diuturnamente são excluídos do acesso a direitos, bens e serviços essenciais e a inclusão muitas vezes se concretiza por meio de políticas compensatórias reforçando mais ainda a condição de "assistido". A tendência à criminalização ou culpabilização dessas pessoas agrava mais ainda o preconceito, fere a autoestima, nega-lhes o acesso ao exercício da cidadania. E neste cenário, a desumanização vivida leva a uma carência de afeto e de solidariedade, exclui do convívio social saudável e conduz a um processo de fragilização do corpo, como consequência da falta de oportunidade e de cuidados específicos na área de saúde, higienização, alimentação e descanso adequado. Uma vida jogada ao léu.



Os catadores de recicláveis fazem parte do cenário das ruas de nossas cidades. Um grupo de trabalhadores bastante numeroso, que, de acordo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) se encontra tanto nas ruas, quanto nos lixões, organizados ou não em cooperativas ou associações e muitas vezes sobrevivem “em situação de vulnerabilidade social” (IPEA, 2013, p. 5). Uma presença diária em busca da sobrevivência muitas vezes adquirida no recolhimento e venda de materiais recicláveis. A resolução da matriz geradora das condições excludentes em que esses homens e mulheres se encontram, e seus processos relacionados à desigualdade social, subdesenvolvimento e subcidadania não são potencializados. Direitos historicamente negados, cuja negação se reflete também nas condições de acesso ao mercado de trabalho e trabalho decente.

Segundo Bhowmik (2002) viver na/da rua e sobreviver do lixo torna-se um cenário comum na cartografia das cidades. Os catadores de recicláveis se fazem presentes mundialmente e denunciam o caráter global da exclusão social. Uma exclusão perversa e dramática, em que milhares de pessoas que se encontram entre as camadas sociais marginalizadas, são caracterizados como indigentes e mendigos, quando não classificados como ladrões, infratores ou bandidos. Sobrevivendo do que é descartado nas ruas, frequentemente são considerados como lixo, passíveis de eliminação e frequentemente estão entre as principais vítimas de operações higienistas realizadas pelo poder público, esses homens e

mulheres, nas condições em que se encontram desmascaram a “beleza das cidades” e dão visibilidades às suas chagas. A eles restaram apenas lixeiras, ruas e guetos e é neste lugar que constroem relações socioafetivas e comerciais.

Esses trabalhadores, em sua maioria afrodescendente, nem chegaram a se integrarem no mercado de trabalho formal, uma vez que historicamente sempre estiveram – e ainda continuam – excluídos de oportunidades, de participação sociopolítica, carregam consigo o estigma de sua condição socioeconômica e as consequências da histórica exclusão. Ainda nesta reflexão, vale ressaltar também que as condições de trabalho e moradia desses trabalhadores estão relacionadas e remete à compreensão da divisão social do trabalho. O trabalho da reciclagem é por muitos considerado asqueroso e degradante, pois, remete ao que é “sujo” e neste sentido é possível compreender a relação discriminação, segregação socioespacial e o preconceito de muitos, em relação às periferias e aglomerados, sob o argumento de que são espaços de gente mal afamada, malandros, sujos e preguiçosos.

São muitos os catadores e catadoras de materiais recicláveis que, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, sobrevivem da coleta e triagem dos resíduos sólidos urbanos. Esses trabalhadores, apoiados por entidades de apoio e fomento,

gestores públicos, instituições religiosas e universidades a partir dos anos 1990 vem criando espaços de organização social e articulação política.

“A vida me fez um papelão e eu fiz do papelão a minha vida”

A história da organização social dos catadores de recicláveis em Minas Gerais envolve transformações relacionadas ao reconhecimento da função social do trabalho que prestam à coletividade. Estudos apontam que as primeiras associações e cooperativas de catadores surgiram no Brasil no final da década de 1980 e se multiplicaram posteriormente. A luta desses homens e mulheres, por trabalho e cidadania ganha força com a fundação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), em 2001. No caso de Minas Gerais, mais especificamente na Região Metropolitana de Belo Horizonte, várias associações de catadores de recicláveis iniciaram processos de organização em redes de associações e cooperativas, buscando assim, coletivamente, maiores oportunidades e melhores condições de participação no mercado de recicláveis.

A aprovação e sanção do Decreto N° 7.404/2010, que regulamenta a Lei N° 12.305/2010, (Política Nacional de Resíduos Sólidos e cria o Comitê Interministerial da Política Nacional de Resíduos Sólidos e o Comitê Orientador para a Implantação dos Sistemas de Logística Reversa) marca o início de novas articulações na busca

de soluções frente ao desafio da sustentabilidade e o problema do lixo urbano. Marcada por princípios, objetivos, diretrizes e metas para a gestão dos resíduos sólidos, a PNRS determina sua implementação em todos os municípios do território nacional, consagra o viés social da reciclagem e a participação formal de catadores organizados em cooperativas. Desafios e oportunidades que norteiam as ações e articulações construídas por esses trabalhadores e seus parceiros. Lutas por reconhecimento que fomentam o diálogo com o Poder Público sobre a reciclagem solidária, seu valor educativo, social e econômico, sua importância para a preservação ambiental e sustentabilidade planetária.

Despontam no cenário da RMBH a Cooperativa de Reciclagem dos Catadores da Rede Economia Solidária, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, Colar Metropolitano e Estrada Real, (Rede Cataunidos) e a Central Cooperativa Rede Solidária de Trabalhadores de Materiais Recicláveis de MG (Redesol). A Cooperativa de Reciclagem dos Catadores da Rede Economia Solidária (REDE CATAUNIDOS) é uma central das cooperativas que agrega trinta e quatro empreendimentos de catadores de materiais recicláveis. Já a Cooperativa Central Rede Solidária dos Trabalhadores dos Materiais Recicláveis de MG (REDESOL-MG), também presente na RMBH, reúne onze cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis tendo em vista melhorar as condições de trabalho, aumentar a renda, fortalecer a organização e a articulação dos

catadores e catadoras de materiais recicláveis. A Rede Cataunidos e a Redesol são empreendimentos de catadores e catadoras de materiais recicláveis norteados pelos princípios e valores do cooperativismo, da autogestão e da economia solidária. O trabalho em redes das associações e cooperativas de catadores de recicláveis torna-se, assim, importante instrumento e ferramenta de participação e de fortalecimento da cidadania e nasce no contexto da experiência fundacional do Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis.

O trabalho em redes surgiu a partir de processos organizativos, tendo em vistas possibilitar e fortalecer as alternativas de trabalho, aumento da renda e melhoria na qualidade de vida dos catadores e população em situação de ruína e seus associados. Além das questões logísticas e operacionais, a Rede Cataunidos e a Redesol, juntamente com os parceiros, investem em outras ações que contribuam para formação política dos associados, bem como na organização e articulação em redes, no fortalecimento da cidadania e o reconhecimento sociopolítico. Preocupações direcionadas não somente aos integrantes das organizações dos catadores participantes, mas também extensiva a seus familiares e catadores não associados.

A constituição dessas organizações em rede de produção e comercialização é fruto de uma sucessão de reuniões e eventos, cujos encontros inicialmente

realizados nos viadutos e baixios das cidades possibilitaram relatos de experiências e histórias de vida e oportunizaram a criação da primeira associação de catadores de materiais recicláveis de Minas Gerais, a ASMARE. Outras associações e cooperativas de catadores foram sendo criadas e proposta de organização em redes foi sendo formatada, tendo como um de seus objetivos promover melhores condições de vida e de trabalho.

### DESIGUALDADES DE GÊNERO E DE RAÇA/COR: UMA EXCLUSÃO HISTÓRICA

Sawaia (2002) e Martins (2002), chamam atenção para o fenômeno da categoria exclusão e apontam seu significado numa perspectiva de ruptura de vínculos sociais básicos. Na visão desses autores, o fenômeno da exclusão diz respeito ao empobrecimento não somente do indivíduo, mas também do empobrecimento da rede de relações que definem seu espaço, lugar e identidade social. Tem uma conotação negativa e remete ao fracasso: é perda da identidade, não pertencimento, dessocialização, segregação socioespacial, deterioração urbana, isolamento, falta de oportunidades. Lavinhas (2002), por sua vez, sustenta que pobreza e exclusão estão inseridas em uma realidade na qual carência de renda e outras necessidades acumulam desvantagens, aprofundam rupturas e reduzem oportunidades de ressocialização. Assim sendo, a exclusão implica aspectos subjetivos que mobilizam sentimentos de rejeição, perda da identidade,

falência dos laços comunitários e sociais, resultando numa retração das redes de sociabilidade e reciprocidade.

As situações de pobreza e exclusão revelam a dimensão econômica do neoliberalismo globalizado e uma nova ordem socioeconômica que marginaliza e exclui grande parcela da população economicamente ativa, dividindo os grupos entre os "assimiláveis", isto é, os empregáveis e os excluídos do mercado de trabalho. Ainda nesta reflexão, Silva (2009) ressalta que o fenômeno da exclusão diz respeito a um estado de precariedade, risco e ruptura da condição social que vai além da pobreza. Incorpora um sentimento onde o pobre se percebe incapaz de agir e nesta percepção experimenta a ausência de autoestima, de relações sociais e de redes de solidariedade. Dito de outra maneira, uma "desfiliação social", termo que segundo Castel (1998) expressa melhor o caráter subjetivo da perda, da desvalorização do indivíduo e da ruptura dos elos de pertença institucional expressos nas relações de trabalho. Além de instabilidade econômica e perda da identidade socioproductiva, representa ainda um estado de invisibilidade social e política, onde os novos pobres são invalidados e rechaçados da estrutura social. A eles [os pobres] são negados os direitos fundamentais, garantidos na Constituição da República, o que contribui de forma significativa para que se tornem "o avesso da cidadania" (LAVINAS, 2002, p. 40-41).

Nesse sentido é importante lembrar que pobreza e exclusão tem endereço, cor, corpo, rosto definidos. E eminentemente feminina onde sua imensa maioria são mães e/ou avós chefes de família e com filhos e/ou netos ainda pequenos. Um cenário também presente entre os trabalhadores e trabalhadoras da reciclagem.

A presença das mulheres nos empreendimentos é maioria, sendo que grande parte dessas mulheres exercem importante papel de liderança. Grande parte delas sempre esteve na informalidade, pois nunca tiveram a carteira de trabalho assinada. Mulheres que também são mães e/ou avós com filhos pequenos e o cuidado com a casa e os filhos possibilita conciliar trabalho e vida familiar. O trabalho, muitas vezes, torna-se uma questão terapêutica e fator importante de ajuda para esquecer "os problemas da vida". É importante salientar também que grande parte dessas mulheres são beneficiárias do Programa Bolsa família e antes de se associarem, algumas delas foram profissionais do sexo, outras trabalharam em restaurantes como saladeiras, em padarias como balconistas, na varrição, faxina ou como empregadas domésticas sem carteira assinada, vivenciando relações marcadas pela exploração, desrespeito e humilhação, aumentando mais ainda o fosso de uma exclusão histórica recorrente. Foi muito presente relatos de que o trabalho "fichado" não lhes garantiu acesso a direitos sociais, previdenciários e trabalhistas.



Já trabalhei com carteira assinada. Eu tenho minha carteira assinada. Eu trabalhei com um pessoal 10 anos. Trabalhava como empregada doméstica. Eles eram médicos lá no Hospital das Clínicas e trabalhavam em vários hospitais. Aí eles se separaram e venderam o apartamento. Quando foi pra eu sair, eles me mandaram assinar os papéis como se eu tivesse recebido tudo. Depois é que eu fui saber. Não recebi foi nada! [...] Eu trabalhava direto. Depois continuei trabalhando a última casa que trabalhei foi lá em Venda Nova. A mulher tava doente, eu cuidei dela e quando ela sarou, ele me dispensou sem motivo. Aí eu pedi a Deus para me dar um trabalho pra mim mesma, pra que eu não tivesse mais patrão. Aí eu consegui a ASTRAPI e tô aqui até hoje. Acho que é por isso que eu tenho o maior orgulho – acho não, eu tenho. E tô aqui até hoje. É da associação que eu tiro tudo. Acho que é por isso que eu tenho orgulho de ser catadora<sup>4</sup>. (CATADORA ASSOCIADA DA REDE CATAUNIDOS, ENTREVISTADA “C”)

Outra associada afirmou:

O que motiva a gente a continuar neste trabalho é a precisão e também porque decidi não trabalhar mais fichada, porque aqui não tem ninguém para passar a perna na gente e se a gente precisar faltar não tem ninguém para mandar na gente ou ficar enchendo saco<sup>5</sup>. (CATADORA ASSOCIADA DA REDE CATAUNIDOS, ENTREVISTADA “D”)

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida em 17 de setembro de 2015.

<sup>5</sup> Entrevista realizada no dia 16 de julho de 2013.

A motivação para permanecer no trabalho associado nasce das relações construídas, as quais se diferenciam de relações empresariais, acrescido ao fato de serem reconhecidas. E, não obstante tantas dificuldades, afirmam a dignidade deste trabalho e a gratidão por retirarem neste trabalho o sustento diário, como podemos observar o depoimento abaixo.

O que motiva a gente a continuar neste trabalho é a precisão e também porque decidi não trabalhar mais fichada, porque aqui não tem ninguém para passar a perna na gente e se a gente precisar faltar não tem ninguém para mandar na gente ou ficar enchendo saco<sup>6</sup>. (CATADORA ASSOCIADA DA REDESOL, ENTREVISTADA "C")

Outra associada afirmou:

O que me motiva para o trabalho associado? É a vida! Quando eu tava na rua ninguém me enxergava, depois que a gente passou a trabalhar junto, a gente passou a ser respeitada. O que motiva os catadores associados a permanecer são os benefícios: vale transporte, uniforme e condições de lutar por moradia, cidadania e dignidade<sup>7</sup>. (CATADORA ASSOCIADA DA REDE CATAUNIDOS, ENTREVISTADA "E")

---

<sup>6</sup> Entrevista realizada no dia 16 de setembro de 2015.

<sup>7</sup> Entrevista concedida em 17 de setembro de 2015.

Um olhar diferente da visão dos homens, pois na visão destes é forte o sentido de orgulho e pertencimento a uma organização de catadores conhecida no país é fora dele.

O que motiva a trabalhar e permanecer numa associação e não numa empresa, como já trabalhei antes, é que aqui é o lugar que fui reconhecido como cidadão e é daqui que eu retiro o que eu ganho. Isso é o que me motiva muito a permanecer. Também, o que me motivou é que além da nossa Associação ser conhecida no Brasil é também conhecida fora do país. Outro dia eu tive uma notícia de uma amiga, que viu uma entrevista minha nos Estados Unidos. [...] A Asmare hoje tem 200 associados<sup>8</sup> e o que motiva a chegada de novos associados é a Bolsa Reciclagem – porque o Governo do Estado paga aos catadores pelo serviço prestado. Através desta bolsa que o Governo paga é que tem sido a motivação para que muitos catadores procurem as associação e cooperativas. A rotatividade dos catadores na Associação está relacionada ao mercado. Tem muitas pessoas que antes tinham um ganho maior e hoje já não tira mais. Também é que muitas pessoas têm o vínculo com a rua e prefere ser 'trecheiro'. Trecheiro é aquela pessoa que não se prende a nenhum lugar, hoje tá aqui, amanhã em São Paulo, depois vai para outro lugar<sup>9</sup>. (CATADOR ASSOCIADO DA REDE CATAUNIDOS, ENTREVISTADO "F")

---

<sup>8</sup> Segundo o cadastramento recentemente feito pelo Assistente Social que trabalha na Associação, atualmente esta Associação conta com 180 associados cadastrados.

<sup>9</sup> Entrevista realizada no dia 20 de outubro de 2015.

Outra observação importante está relacionada à questão de raça/cor, pois a maioria desses trabalhadores tem a cor da pele negra, o que reafirma sua herança escravocrata. A violência e discriminação no mercado de trabalho, desigualdade de rendimentos, pobreza e precariedade no acesso a serviços públicos tais como: acesso à educação e à saúde são também fatores que reafirmam condições de inferioridade, semiescravidão e confirmam a assertiva de Xavier e Werneck (2013), de que “as conquistas por cidadãs e cidadãos de pele escura no Brasil não se realizaram com a mesma intensidade” (XAVIER; WERNECK, 2013, p. 258). As mulheres negras – esta “pluralidade de sujeitos singulares” têm em comum a experiência do racismo patriarcal, as sucessivas violações de direitos e suas consequências nas mais diferentes esferas (XAVIER; WERNECK, 2013, p. 262). Ainda nesta reflexão, as Autoras chamam atenção ao fato de que “das 11 milhões de famílias beneficiadas pelo programa bolsa família, em 2009, 7,3 milhões tinham como titulares pretos e pardos, enquanto 2,9 milhões tinham como titulares brancos” (XAVIER; WERNECK, 2013, p. 264).

Percebe-se aqui entre os cooperados a consciência ambiental e ecológica. E não obstante a categorização de “catadores de lixo” está muito presente nesses homens e mulheres, a consciência da dignidade do trabalho e o serviço prestado ao meio ambiente e à sustentabilidade. É nesse sentido que os catadores de recicláveis se autodenominam de agentes ambientais e parceiros da

administração pública no gerenciamento dos resíduos sólidos urbanos. Representações e ressignificações de trajetórias, guardadas na memória e no coração, e que, segundo Paula (2012), se fazem presentes ao lembrar processos vivenciados. Vejamos:

Era uma coisa que a gente falava “de coitadinho”: “catador de lixo, coitadinho”. Hoje a gente não se vê mais como um coitado. Catador de material reciclável hoje não é coitado. Ele é um profissional. Nós somos reconhecidos como uma categoria na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), uma vez que toda profissão passa por uma categoria e somos reconhecidos como categoria. [...] Quando se falava em meio ambiente só se falava de sol, terra, chuva e pedra. Não se falava dos catadores, da nossa categoria, nós catadores, que já vínhamos prestando esse serviço há muito tempo e ainda sendo discriminados, como “maloqueiros”, “mendigos” e “catador de lixo” (PAULA, 2012, p. 53).

### Diálogos e organização em redes, em busca de inclusão socioproductiva, cidadania e reconhecimento

São muitos os parceiros desta Rede. Um conjunto de instituições governamentais e do Terceiro Setor, que mobilizaram esses trabalhadores em uma época em que não havia ainda qualquer referência aos catadores. Vale salientar aqui que muitos desses representantes institucionais são pessoas que acompanham os

catadores desde o início de sua trajetória organizativa, em que estes homens e mulheres eram considerados mendigos, marginais, pessoas que não davam conta de um sistema de trabalho. Aos poucos, o trabalho realizado foi se tornando uma referência forte e promotora de cidadania. Neste trabalho político-articulador essas entidades de apoio e fomento e gestores públicos<sup>10</sup> tiveram um papel muito importante na construção de estratégias.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos é uma conquista importante do processo de organização e luta dos catadores. No entanto, é necessário realçar que ela, por si só, não assegura a participação efetiva dos catadores na cadeia produtiva da reciclagem. Ou seja, se não forem oportunizados aos empreendimentos reais condições de trabalho e adequada participação dos catadores, ela poderá fragilizá-los, e precarizar mais ainda o trabalho dos catadores de recicláveis. Nesse sentido, os catadores e catadoras afirmam que a remuneração pelos serviços prestados, o investimento em toda a cadeia de reciclagem e combate às tecnologias de incineração são elementos prioritários em suas lutas.

---

<sup>10</sup> São parceiros da Rede Cataunidos e da Redesol: Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável (INSEA), Centro Nacional de Defesa dos Direitos Humanos da População em Situação de Rua e Catadores de Recicláveis (CNDDH/PSR/CMR), Pastoral do Povo da Rua e o Observatório da Reciclagem Inclusiva e Solidária (ORIS). Além dessas instituições do chamado Terceiro Setor, as associações e cooperativas de catadores contam também com a participação de gestores públicos ligados ao Ministério Público Estadual/Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais (MPE/CIMOS); o Centro Mineiro de Referência em Resíduos (CMRR), Secretaria de Estado de Trabalho e Desenvolvimento Social (SEDESE).

O trabalho em redes, na concepção da maioria dos/as entrevistados/as, ganha relevância enquanto importante instrumento e ferramenta de participação e de fortalecimento da cidadania. Caracterizada por muitos como uma das primeiras redes no modelo de aglutinar esses empreendimentos – a Rede Cataunidos e a Redesol – nascem no contexto da experiência fundacional do INSEA, do Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis e da convicção de novas possibilidades presentes tanto no olhar dos parceiros como também dos catadores. Vale destacar aqui que esses processos organizativos tiveram seu início com a fundação da ASMARE e de lá pra cá, ganharam novas proporções. O papel das entidades de apoio, assessoria e fomento tem sido muito importante e tem o reconhecimento das organizações dos catadores. E é assim, neste trabalho permanente e contínuo, que essas instituições de fomento e gestores públicos se tornam referência para os trabalhadores da reciclagem. Uma relação de reciprocidade e comprometimento em que pessoas e entidades parceiras são positivamente avaliadas pelos entrevistados. Vejamos o depoimento de uma das associadas da Rede Cataunidos:

O INSEA acompanha as associações todas. Nós vamos ter uma reunião na semana que vem pra acertar o Cataforte 3. Em setembro foi feito uma convocação, foi feito uma planilha com as necessidades das cooperativas, foi feito um apanhado de todas as cooperativas. A Cataunidos sabe do que

a COOMARIN<sup>11</sup> precisa e o INSEA é um grande parceiro nosso. Nós falamos que a gente precisa de um galpão, de equipamentos, de ter o nosso espaço e sair da dependência da Prefeitura [...] <sup>12</sup>. (CATADORA ASSOCIADA DA REDE CATAUNIDOS, ENTREVISTADA "A")

Como ressaltam Barros e Pinto (2008), "a reciclagem e sua vinculação com a sustentabilidade do planeta, é um dos elementos fundamentais da análise do processo de organização dos catadores", não somente no nível local, regional e nacional, mas também em âmbito mundial (BARROS; PINTO, 2008, p. 74). Nesse sentido, na visão desses Autores a participação em associações e cooperativas possibilita a construção de uma identidade política. E mais ainda, "cria sociabilidades baseadas na solidariedade e na existência de um projeto de transformação das relações de exploração e opressão, em substituição ao individualismo que operava nesses grupos antes de seu processo organizativo" (BARROS; PINTO, 2008, p. 76).

No trabalho e pelo trabalho, esses homens e mulheres tomam consciência de si enquanto sujeitos coletivos de direitos e pelo trabalho que realizam conquistam reconhecimento social de uma parcela significativa da população urbana. No entanto, há quem diga que o caminho a ser feito é longo, pois o reconhecimento

---

<sup>11</sup> Cooperativa de catadores de materiais recicláveis de Ribeirão das Neves (COOMARIN).

<sup>12</sup> Entrevista realizada no dia 08 de novembro de 2015.



social ainda é pouco expressivo em relação à amplitude da cidade. No entanto, conforme podemos observar em Freitas e Neves (2008) são pequenos vetores, porém extremamente significativos, pois

[...] não é à toa que as contraposições entre direitos e não direitos, cidadãos e não cidadãos são uma constante nas narrativas de história de vida dos catadores. Diversas passagens de suas histórias, reportadas em nossa pesquisa, elucidam os fatos. Esses atores sociais não conseguem falar dos direitos conquistados sem se referirem aos não direitos. É provável que os não direitos estejam muito presentes em suas narrativas porque constituem as marcas muito profundas que os acompanham desde muito tempo. Em outros termos, o tempo que eles viveram sem reconhecimento na cidade é muito mais longo do que o tempo de seu reconhecimento social. Este novo tempo – muito novo e, por isso, ainda frágil, não é suficiente para falarmos de uma nova identidade e de uma cidadania ainda plenamente consolidada. É mais cauteloso dizer que ambas estão em construção (FREITAS; NEVES, 2008, p. 104).

Trabalho árduo que exige desses trabalhadores da reciclagem, interfaces entre o trabalho cotidiano e o exercício da participação cidadã. Ou seja, conciliar sua atividade laboral com as permanentes demandas de participação e mobilizações frente ameaças na perda de direitos. É o que podemos perceber no depoimento

de uma catadora associada da Redesol, durante uma audiência pública na Câmara Municipal de Belo Horizonte.

[...] Nossa história não pode ser esquecida. Nossa caminhada é longa e sofrida. Antes, o catador, a catadora, era também considerado lixo, muito desvalorizado. Porque a catação era o último recurso da vida. Nem era desemprego, era porque já estava na sarjeta. Só Deus sabe! Hoje estamos na coleta seletiva. Já estamos na Lei Estadual e Nacional e queremos que a nossa participação seja também garantida no Município. Não queremos perder direitos! Temos uma história de luta e nunca nos enganamos sobre a dificuldade de se criar leis que de fato possibilitem a inclusão dos pobres. No entanto, democracia se faz quando o povo participa<sup>13</sup>.

(LIDERANÇA DA REDESOL)

Nesta ressignificação do lixo em ferramenta de trabalho, renda, dignidade e cidadania percebem-se no relato dos catadores entrevistados, a singularidade na reconstrução de sua autoimagem, melhora da autoestima e processos organizativos reivindicatórios por novos direitos e reconhecimento social.

---

<sup>13</sup> Depoimento de uma integrante da Rede CATAUNIDOS durante a Audiência Pública na Câmara Municipal de Belo Horizonte, realizada no dia 28 de maio de 2012, tendo em vista reivindicar a inclusão dos Catadores no Projeto de Lei 2.026/2011, de autoria do Poder Executivo, sobre a limpeza urbana, seus serviços e o manejo de resíduos sólidos urbanos no Município de Belo Horizonte. O Projeto de Lei não explicita a participação dos catadores. Determina que os serviços de limpeza urbana sejam explorados pela SLU e regidos pelas disposições contidas em seu regulamento, normas técnicas da SLU, legislação e normas específicas.

Agora a gente deu uma reconstruída. A gente trabalha [na coleta de recicláveis] e temos muitos parceiros. Tem muitas empresas que são parceiras, a própria Secretaria de Meio Ambiente, os condomínios, temos o apoio o INSEA... A gente tá numa luta muito grande com a Prefeitura porque é muito caro a manutenção da associação, têm as prensas, os veículos e na hora que estraga é muito caro arrumar<sup>14</sup>. (CATADOR ASSOCIADO DA REDESOL, ENTREVISTADO "A")

Relatos de experiências e vivências que marcaram a trajetória desses homens e mulheres que, já na infância conheceram os lixões e se inseriram neste trabalho junto a seus pais, cuja maioria procedente do interior de Minas Gerais. Nos relatos sobre a trajetória até a chegada à Associação, os entrevistados memorizaram a infância roubada e a perda da cidadania ao mudarem para a cidade grande, como relata uma das entrevistadas:

Minha mãe veio do Serro, cidade do interior de Minas Gerais para a cidade grande e quando chegou aqui perdeu a cidadania. Porque no cabo da enxada, minha mãe tinha cidadania, mas quando chegou aqui, perdeu a cidadania. Não tinha casa pra morar e a gente foi morar na rua, depois mudamos pra Pedreira Prado Lopes. Eu nasci aqui e quando nasci, fiquei órfã de pai com três meses de idade. Sou catadora desde os oito anos. Aprendi o ofício na rua e depois trouxe a minha mãe também para catar papel na rua. Naquele tempo não se falava em meio ambiente. Hoje é que

---

<sup>14</sup> Entrevista realizada no dia 21 de outubro de 2015.

todo mundo fica falando nisso<sup>15</sup>. (CATADORA ASSOCIADA DA REDE  
CATAUNIDOS, ENTREVISTADA "G")

Nesse sentido vale destacar aqui que a inserção no consumo é o passo primeiro para uma participação que possibilite o protagonismo dos sujeitos, uma vez que está pautada em princípios e valores que direcionam para a liberdade e autonomia. Reconhecimento conquistado pelo trabalho e no trabalho que cotidianamente realizam. E assim, em seus relatos, um dos entrevistados destacou:

Cidadania? É reconhecimento. É você ser reconhecido como um trabalhador. É você ser inserido no próprio trabalho. Antes a sociedade olhava pra gente como lixo. Pra muitos a gente era e ainda é considerado bandido, marginal. Mas nós somos trabalhadores! [...] Se você não tem trabalho, nem renda, você não é cidadão. E aqui você tem trabalho e renda, além de ter o trabalho de limpar a cidade, limpar a sujeira que nós não fizemos; e aí, isso... É mais importante<sup>16</sup>. (CATADOR ASSOCIADO DA REDE CATAUNIDOS, ENTREVISTADO "F")

Em vários depoimentos foi ressaltado que além do trabalho de coletar, triar e processar os materiais recicláveis, o trabalho em rede exige organização

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida em 17 de julho de 2015.

<sup>16</sup> Entrevista realizada no dia 17 de julho de 2015.

administrativa e capacidade de gerenciamento. No entanto, paradoxalmente, as tarefas administrativas são consideradas por alguns, como uma tarefa nem sempre fácil, pois exige muito empenho, cumprimento de prazos e tarefas, organização e colaboração. Nos relatos vários entrevistados afirmaram que nem todos têm disposição e disponibilidade para o aprendizado e empenhos exigidos; e embora alguns até se aventurem, logo desistem, alegando não terem paciência para isso.

Fato curioso, pois embora seja factível a consciência de que as tarefas administrativas se tratam de tarefas que precisam ser realizadas, dentre os entrevistados houve quem afirmasse que “a cabeça não dá pra isso” [...] bom mesmo é botar a mão na massa [e] fazer o serviço que está por fazer”.<sup>17</sup> Perguntado se as atividades administrativas e organizativas não caracterizam tarefas e trabalhos que demandam tempo e que precisam ser realizados, o desinteresse nessas tarefas ajudou a compreender o porquê da pouca rotatividade nos cargos de direção, e conseqüentemente, a perpetuação de alguns nas tarefas administrativas e nos cargos de direção.

---

<sup>17</sup> Afirmação de uma associada da ASCAP, durante uma conversa informal, realizada com um grupo de mulheres, enquanto aguardava a chegada do Presidente da Associação. Vale ressaltar aqui que das associações da Rede Cataunidos entrevistadas. A ASCAP é a única associação da Rede Cataunidos que tem na sua presidência um associado do sexo masculino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As iniciativas de trabalho em redes de catadores de materiais recicláveis, visando assim gerar trabalho e renda, cada vez mais são consolidadas não somente em Minas Gerais, mas também em outras regiões do país. Se por um lado esta iniciativa representa a descoberta de novas estratégias organizativas, revela também a perversidade do modelo capitalista de produção e consumo, que aprofunda cada vez mais a pobreza e contribui para que parcelas significativas da população permaneçam excluídas do acesso aos bens e serviços essenciais. Um cenário que revela o desemprego estrutural, novas configurações do mundo do trabalho e novas exclusões. Esta realidade reafirma situações precárias anteriores. O trabalho informal e precário, desencadeado pela crise da sociedade salarial, marcado pela diversidade e descontinuidade e se apresenta sob diferentes formas de flexibilização. Neste cenário, trabalhadores historicamente excluídos permanecem na informalidade, submersos no trabalho precarizado e em condições de extrema vulnerabilidade.

Através do trabalho cooperado, esses homens e mulheres constroem saberes e resgatam sonhos. A consciência de progresso, melhoria da autoestima e senso de gratidão é patente. No entanto, sem negar sua importância, fica visível o fosso das desigualdades, a ausência de ativos basilares de oportunidades e capacidades

elementares promotoras de cidadania e democracia participativa. A eles, mais especificamente, a elas, lhe são possibilitados apenas o básico exigível na dinâmica cotidiana da sobrevivência.

Contudo, é inegável que estas iniciativas, embora frágeis trazem consigo o potencial emancipador de trabalhadores, que a duras penas reinventam mecanismos de inserção socioeconômica e produtiva, participativa e política; lutas por reconhecimento e emancipação social. É importante salientar que a trajetória desses trabalhadores é marcada por perdas e exclusões. No entanto, no trabalho associado e cooperado que realizam fica perceptível a busca de construir novas relações, coesão social, pertencimento. Ações e interações que se desdobram em outros processos, tendo em vista deslegitimar desigualdades, combater a naturalização de diferenças e fronteiras sociais, fortalecer a cidadania.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos é uma conquista importante do processo de organização e luta dos catadores. No entanto, é necessário realçar que ela, por si só, não assegura a participação efetiva dos catadores na cadeia produtiva da reciclagem. Ou seja, se não forem oportunizados aos empreendimentos reais condições de trabalho e adequada participação dos catadores, ela poderá fragilizá-los, e precarizar mais ainda o trabalho dos catadores de recicláveis.

Nesse sentido, os catadores e catadoras afirmam que a remuneração pelos serviços prestados, o investimento em toda a cadeia de reciclagem e combate às tecnologias de incineração são elementos prioritários em suas lutas.

O trabalho da coleta seletiva e reciclagem popular solidária, enquanto política pública e efetivação da Política Nacional de Resíduos sólidos, são para esses trabalhadores organizados em redes, meta e desafio, uma vez que o mercado tende a atrair empresas capitalistas para atuarem na cadeia da reciclagem, inclusive na coleta seletiva, consolidando assim, o risco de que os catadores ocupem um lugar subalterno, que sirva para vender a imagem de responsabilidade social de empresas e governos com as quais estabelecem parcerias.

Priorizar a reciclagem e as condições efetivas para o estabelecimento da logística reversa são elementos importantes e constitutivos de uma construção coletiva, pautada na consciência de cidadania. Esses homens e mulheres estão convencidos da dignidade do serviço que prestam à sociedade em geral e se consideram base de sustentação da cadeia produtiva da reciclagem. Do “lixo” tiram o sustento para si e os seus familiares e são desafiados não somente a autogerir o empreendimento, mas também a assumir o controle da cadeia produtiva da reciclagem. Reafirmam também, a necessidade de criar e/ou fortalecer redes de comercialização, enquanto estratégia para melhorar a



lucratividade na venda dos materiais recicláveis e fugir dos atravessadores. Entendem que o desenvolvimento de inovações tecnológicas de baixo custo, ou seja, novas tecnologias na coleta e tratamento de materiais recicláveis, através de métodos autogestionários, possibilitarão para os integrantes de suas associações e/ou cooperativas maior inserção social e econômica, e à sociedade em geral, um serviço à sustentabilidade planetária.

## REFERÊNCIAS

BHOWMIK, S. As cooperativas e a emancipação dos marginalizados: estudo de caso de duas cidades na Índia. In: SANTOS, B. S. (Org.). Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002, p. 369-400.

BRASIL. Decreto n. 7.404, de 23 de dezembro de 2010. Regulamenta a Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, cria o Comitê Interministerial da Política Nacional de Resíduos Sólidos e o Comitê Orientador para a Implantação dos Sistemas de Logística Reversa, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2010b. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/Decreto/D7404.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/Decreto/D7404.htm)> Acesso em: 18 out. 2014.

BRASIL. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 03 de ago. de 2010c. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm). Acesso em 12 set. 2013.

BARROS, V. A.; PINTO, J. B. M. Reciclagem: trabalho e cidadania. In: KEMP, V. H.; CRIVELLARI, H. M. T. (Org.). Catadores na cena urbana: construção de políticas socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 65-82.

CACCIAMALI, M. C. Globalização e processo de informalidade. Economia e Sociedade, Campinas, v. 14, n. 2, p. 153-175, ago. 2000.

CARDOSO, A. M. A construção da sociedade do trabalho no Brasil: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades. Rio de Janeiro: FGV, 2010. 464 p.

COTANDA, F. C. Trabalho, sociedade e sociologia. In: HORN, C. H.; COTANDA, F. C. (Org.). Relações de trabalho no mundo contemporâneo: ensaios multidisciplinares. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 846 p.

CASTEL, R. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998. 611 p.

FREITAS, M. V. O.; NEVES, M. A. Cidade e trabalho: as experiências dos catadores de papel em Belo Horizonte. In: KEMP, V. H.; CRIVELLARI, H. M. T. (Org.). Catadores na cena urbana: construção de políticas socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.. p. 83-108.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Situação social das catadoras e catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis. Brasília: Ipea, 2013. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/situacao\\_social/131219\\_relatorio\\_situacaosocial\\_mat\\_reciclavel\\_brasil.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacaosocial_mat_reciclavel_brasil.pdf) Acesso em 16 fev. 2014.

LAVINAS, L. Pobreza e exclusão: traduções regionais de duas categorias da prática. Revista Econômica, Niterói, v. 4, n. 1. p. 25-59, jun. 2002.

LEITE, M. P.; ARAÚJO, A. M. C. (Org.). O trabalho reconfigurado: ensaios sobre Brasil e México. São Paulo. Annablume/FAPESP, 2009. 304 p.

LEITE, M. P. Cooperativas e trabalho: um olhar sobre o setor de reciclagem e fábricas recuperadas em São Paulo. In: GEORGES, I. P. H; LEITE, M. P. (Org.). Novas configurações do trabalho e economia solidária. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2012. p. 227-269.

MARQUES, E. Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo. São Paulo: UNESP/Centro de Estudos da metrópole, 2010. 215 p.

MARTINS, J. S. A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre a exclusão, pobreza e classes sociais. 2. ed. Petrópolis: Vozes. 2002. 232 p.

PAULA, E. A História da COOPAMARE: dificuldades, lutas e conquistas dos catadores. In: SANTOS, M. C. L.; DIAS, S. L. F. G. (Org.). Resíduos sólidos urbanos e seus impactos socioambientais. São Paulo: IEE/USP, 2012. 82 p.

SAWAIA, A. B. Exclusão ou inclusão perversa? In: SAWAIA, A. B. (Org.) As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 7-13.

SILVA, C. M. Trabalho, cidadania e reconhecimento: a Rede CATAUNIDOS e o protagonismo sociopolítico de Catadores de Recicláveis na RMBH. 2014. 395 f. Tese

(Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SILVA, C. M. Experiências de economia popular solidária na região metropolitana de Belo Horizonte: observações, percepções e papéis de agentes mediadores e de atores sociais. 2009. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SILVA, C. M.; OLIVEIRA, F. G. Participação dos Catadores de materiais recicláveis na política nacional de resíduos sólidos e seus desafios. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO TRABALHO, 7, 2013, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2013.

XAVIER, L.; WERNECK, J. Mulheres e trabalho: o que mudou para as mulheres negras no mercado de trabalho? In: VENTURI, G.; GODINHO, T. (Org.). Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/SESC SP, 2013. p. 257-277.

WIRT, L. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. G. (Org.). O fenômeno urbano. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 97-113.

# Diálogos e trabalho em redes, em busca de inclusão socioproductiva, cidadania e reconhecimento: a experiência de catadores de recicláveis na Região Metropolitana de Belo Horizonte

## Resumo

O presente trabalho discute o trabalho organizativo em rede de catadores e catadoras de materiais recicláveis da Região Metropolitana de Belo Horizonte. As reflexões aqui apresentadas resultam de acompanhamento a grupos de catadores organizados em associações e cooperativas, da participação em audiências públicas e outros eventos apoiados pelas parcerias construídas. Os resultados apontam processos organizativos e políticos que possibilitaram ganhos econômicos e não-econômicos, tais como a (re)construção de vínculos sociais rompidos, a construção de novas sociabilidades, a elevação da autoestima e a consciência do direito a ter direitos. Apontam também a necessidade do fortalecimento da luta política pela consolidação da coleta seletiva e da reciclagem solidária, face às tecnologias como a incineração.

## Palavras-chave

Trabalho; Catadores de recicláveis; Processos organizacionais; Cidadania; Reconhecimento.



# Dialogues and work in networks towards a socioproductive inclusion, citizenship and recognition: the waste pickers' experience at Metropolitan Region of Belo Horizonte

## Abstract

This paper analyzes the organizational networking of collectors of recyclable materials in the metropolitan region of Belo Horizonte. The reflections presented here are the result of monitoring the pickers groups organized into associations and cooperatives, participation in public hearings and other events supported by the built partnerships. The results show organizational and political processes that enabled economic gains and non-economic, such as the (re) construction of broken social ties, building new sociability, increased self-esteem and awareness of the right to have rights. Also point out the need to strengthen the political struggle for the consolidation of selective collection and recycling of solidarity in the face of technologies such as incineration.

## Keywords

Work; Waste pickers; Organizational processes; Citizenship; Recognition.

# Diálogos y trabajo en red buscando la inclusión socio-productiva, la ciudadanía y el reconocimiento: la experiencia de los recicladores en la Región Metropolitana de Belo Horizonte

## Resumo

Este artículo analiza el trabajo de organización en red de recicladores en la Región Metropolitana de Belo Horizonte. Las reflexiones aquí presentadas resultan del acompañamiento de grupos de recicladores organizados en asociaciones y cooperativas, la participación en audiencias públicas y otros eventos apoyados por gestores públicos e organizaciones de la sociedad civil. Los resultados muestran procesos organizativos y políticos que posibilitaran provechos económicos y no económicos, la (re) construcción de los vínculos sociales rompidos, la construcción de nuevas sociabilidades, de la autoestima y aumento de la conciencia del derecho a tener derechos. Señalan la necesidad de fortalecer la lucha política por la consolidación de la reciclaje selectiva y solidaria en contrapartida a las nuevas tecnologías, como la incineración.

## Palavras-chave

Trabajo; Recicladores; Procesos organizacionales; Ciudadanía; Reconocimiento.



## Autoria

### Carlúcia Maria Silva

Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: [carlucia.maria@gmail.com](mailto:carlucia.maria@gmail.com).

### Endereço para correspondência

Carlúcia Maria Silva. Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade de Políticas Públicas Tancredo Neves. Rua Major Lopes, 574, São Pedro, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 30330-050. Telefone: (+55 31) 31942506.

### Como citar esta contribuição

SILVA, C. M. Diálogos e trabalho em redes em busca de inclusão socioprodutiva, cidadania e reconhecimento: a experiência de catadores de recicláveis na RMBH. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 2, n. 5, p. 1054-1094, dez. 2015.

*Contribuição Submetida em 12 nov. 2015. Aprovada em 19 dez. 2015. Publicada online em 19 jan. 2016. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.*

